

**“Domingas” entre as cordas da
servidão e os fios da identidade
em *Dois Irmãos* de Milton
Hatoum**

“Domingas” Between the Ropes of Servitude and
the Threads of Identity by Milton Hatoum's Two
Brothers

“Domingas” entre las cuerdas de la servidumbre y
los hilos de la identidad em, *Dos hermanos*, de
Milton Hatoum

Arcângelo da Silva Ferreira¹

 [0000-0002-0061-0410](https://orcid.org/0000-0002-0061-0410)

Thaís Stefhani de Oliveira Leal²

 [0009-0006-2320-8324](https://orcid.org/0009-0006-2320-8324)

Resumo: O presente artigo analisa a partir da personagem Domingas o lugar dos povos originários no mundo urbano de Manaus, essencialmente das mulheres indígenas, em que Milton Hatoum retrata, através da obra *Dois Irmãos* e da trajetória da personagem a exploração da mão de obra infantil feminina e indígena que ocorreu e ocorre na região até os dias atuais, revelando as nuances sociais e econômicas que permeiam a realidade de muitas jovens amazonenses.

Palavras-chave: Domingas. Milton Hatoum. Dois Irmãos.

Abstract: This article analyzes the place of indigenous peoples in the urban world of Manaus, essentially indigenous women, through the character Domingas. Through the novel *Two Brothers* and the character's story, Milton Hatoum portrays the exploitation of female and indigenous child labor that has occurred and continues to occur in the region to this day, revealing the social and economic nuances that permeate the reality of many young Amazonian women.

Keywords: Domingas. Milton Hatoum. Two Brothers.

Resumen: A partir del personaje Domingas, este artículo analiza el lugar de los indígenas en el mundo urbano de Manaus, esencialmente de las mujeres indígenas. A través de la novela *Dos hermanos* y de la trayectoria del personaje, Milton Hatoum retrata la explotación del trabajo infantil femenino e indígena que ha ocurrido y sigue ocurriendo en la región hasta nuestros días, revelando los matices sociales y económicos que impregnan la realidad de muchas jóvenes amazónicas.

Palabras-clave: Domingas. Milton Hatoum. Dos Hermanos.

¹Doutor em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Docente da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. *Lattes:* [9113189483754566](https://lattes.cnpq.br/9113189483754566) - *E-mail:* umafolhalafora@outlook.com.

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM. *Lattes:* [0297741693400701](https://lattes.cnpq.br/0297741693400701) - *E-mail:* thaisstefhani1@gmail.com.



Considerações Iniciais

Milton Hatoum, renomado escritor amazonense, nascido em Manaus em 19 de agosto de 1952, é também professor. Passou a infância na capital amazonense, cidade muito representada em seus romances. Na adolescência migrou para Brasília, para cursar o ensino secundário na Escola de Formação da UnB. Envolvido em manifestações contra a ditadura civil-militar, durante o Ensino Médio, foi brevemente detido (Waldick Junior, 2023). Mudou-se para São Paulo em 1960, ingressou na Universidade de São Paulo, e três anos depois, graduando-se em Arquitetura e Urbanismo. Concluiu o curso de Arquitetura na USP em 1977, tornando-se professor de História da Arquitetura na Universidade de Taubaté. (Ferreira, 2022).

Terminada a graduação, foi fazer intercâmbio em Barcelona. Não demorou. Em 1980, partiu para Paris, estudando no Instituto Ibero-americano de Cooperación, período em que entrou em contato com a literatura estrangeira, a qual iria compor suas matrizes intelectuais e imagéticas. Paralelo a isto, as vivências e experiências fora do Brasil, na conjuntura do regime militar brasileiro, foi fecunda, como deixa posto nos mais recentes romances *A noite da espera* e *Pontos de fuga* (Ferreira, 2022).

Iniciou a escrita de *Relato de um certo oriente*, seu romance de estreia, na Europa, porém, escolheu terminá-lo no Brasil. Isto ocorreu quando atuava como professor de Língua Portuguesa e Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas, inclusive, esse romance foi publicado em 1989, traduzido para diversas línguas e adaptado para o cinema. Seu trabalho mais famoso, *Dois Irmãos*, originalmente publicado em 2000, também foi adaptado para uma minissérie pela TV Globo, em 2017. Naquele ano, Hatoum recebeu o troféu Juca de Pato da União Brasileira de Escritores (UBE) e conquistou o prestigioso prêmio Jabuti em diversas ocasiões (1990, 2001, 2006 e 2009).

As obras de Hatoum são notáveis por seu caráter memorialístico, refletindo o hibridismo cultural brasileiro. Suas narrativas revelam profundidade psicológica, expondo o fluxo de consciência de seus personagens.

Em seu segundo romance, *Dois Irmãos*, o autor nos transporta para uma Manaus do século XX, abrangendo as décadas de 1910 a 1970. Ele meticulosamente investiga as fases de expansão e estagnação da cidade, enquanto desvela o cotidiano intrincado de uma família de imigrantes libaneses, que tem como precursores Zana e Halim, pais de Yaqub, Omar e Rânia.



Além deles, também nos é apresentada como personagens importantes para a trama: Domingas (a empregada de origem indígena) e Nael, seu filho, que narra o romance através de suas memórias e a das outras personagens. Nesse cenário, são explorados os dramas familiares, os desafios econômicos, a influência da religião e a dinâmica das relações de autoridade que exercem domínio sobre a vida de seus membros.

Como tema central, a obra nos traz o ódio entre os dois irmãos gêmeos Yaqub e Omar. A narrativa é centrada na busca de identidade da personagem Nael (filho de Domingas com um dos gêmeos). A narrativa apresentada por Hatoum não é linear. Nael apresenta os relatos das personagens de acordo com suas memórias, ora ele narra os eventos no presente, ora no passado, mas isso acontece, na medida em que ele vai conversando com cada uma delas.

A narrativa de Milton Hatoum transforma a história de Manaus ao longo da obra, assim como a jornada da família de Zana e Halim. Com o desenvolvimento da cidade ao longo do tempo, marcado pela chegada de migrantes do interior e tensões militares a partir de 1964, os conflitos familiares entre os gêmeos Omar e Yaqub também se intensificam. Na época retratada no romance, a cidade é caracterizada por uma série de conflitos internos, principalmente impulsionados por questões socioeconômicas e políticas.

Mesmo na sua condição de empregada da família, Domingas mostra-se como figura importante da casa e do próprio enredo, como nos diz Nael:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuquinho reles tivesse sido a causa da agressão. Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela.

A minha história também depende dela, Domingas (Hatoum, 2000, p. 25).

Dormindo no quatinho dos fundos da casa, pertencendo e, ao mesmo tempo, não pertencendo à família, a posição de Domingas como empregada a faz observar o “jogo de cartas” dos bastidores. A liberdade de ir e vir dentro da casa, aliada aos afazeres domésticos, faz dela uma expectadora silenciosa dos fatos, alguém visível o bastante para servir e ao mesmo tempo invisível como parte da família. Domingas chega a ser vista como objeto pelo próprio Yaqub, que em um momento de ira contra a vida repleta de regalias do irmão a enquadra junto com a loja e a casa: “Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele” (Hatoum, 2000, p. 124).



Domingas parecia verdadeiramente dona de si e de seus passos apenas quando deixava a casa e a cidade, como evidenciado no raro passeio com seu filho. Durante a viagem, sua alegria quase infantil revelava-se, contrastando com a sensação de fadiga e sufocamento das responsabilidades diárias (Hatoum, 2000).

O ambiente em constante degradação e expansão, habitado por uma classe vítima da pobreza e da rotina árdua, desempenha um papel essencial na trama. A cidade, repleta de contradições e lacunas, oferece um espaço para a breve experimentação da liberdade às pessoas na casa de Zana. Este local funciona como refúgio das discordâncias entre os irmãos, das diferenças sociais camufladas e do conflito não aceito pelo narrador curumim (Santos, 2010).

Por isso, a discussão que se avizinha procura explorar a vida e as experiências de Domingas em relação à servidão e à identidade. Ela é uma personagem silenciosa, que quase não fala e que expressa seus sentimentos através do olhar e da comida que prepara. Ela é a única que cuida de Yaqub, o filho rejeitado por Zana, e que lhe dá o afeto que ele não recebe da mãe.

O presente artigo, tem como objetivo, analisar a integração e a influência das mulheres indígenas no contexto urbano de Manaus, explorando as interseções de cultura, identidade e modernidade na vida da personagem Domingas perpassando a vida da personagem, como ela se encontra representada na narrativa do romance fazendo paralelo com as jovens indígenas da cidade de Manaus. Procurando tecer uma mescla entre história factual e ficção, sobretudo a saga de jovens que podem ser representadas pela personagem em questão. Mostrando que a trajetória de Domingas sublinha entre a ficção e as observações etnográficas realizadas por Hatoum nas comunidades indígenas e ribeirinhas.

Domingas representa a resistência e a sobrevivência dos indígenas em um contexto de dominação e exploração. Ela é uma personagem que denuncia a invisibilidade e a marginalização dos povos originários do Brasil, que foram e são vítimas de genocídio, etnocídio e aculturação. Além disso, a personagem nos mostra a diversidade e a riqueza da cultura indígena, que se manifesta na sua beleza, na sua simplicidade, na sua culinária e na sua sabedoria, que nos faz refletir sobre nossa identidade, a nossa história e nossa sociedade.

Domingas: a vida de servidão e supressão



Não houve festa para ela. o pai tinha sido encontrado morto num piaçabal. [...] Não se esquecia da manhã que partiu para um orfanato de Manaus, acompanhada por uma freira das missões de Santa Isabel do rio Negro. As noites que ela dormiu no orfanato, as orações que tinha de decorar [...]. Uns dois anos ali, aprendendo a ler e a escrever, rezando de manhãzinha e ao anoitecer, limpando os banheiros e o refeitório, costurando e bordando para as quermesses das missões (Hatoum, 2000, p. 75).

O trecho em questão nos apresenta o caminho pelo qual percorreu Domingas até sua chegada a casa de Zana e Halim, podemos dizer que esse dia foi o ponto chave da vida da personagem e foi o início da vida de servidão e supressão pela qual ela passou até o dia de sua morte.

Durante as transições pelo qual passou a sociedade na Amazônia, esteve presente o preconceito étnico que sempre se encontrava articulado aos processos culturais e sociais. Essa característica é, talvez, uma forma de legitimar a exploração da mão de obra indígena e cabocla³ no trabalho doméstico e nos demais tipos de trabalhos braçais existentes, inclusive o industrial. Nesse contexto, a mulher indígena é inserida no trabalho doméstico e em condições semi-servis. (Araújo & Torres, 2008, p. 2)

Essa condição, muitas vezes sub-humana, na qual muitas jovens ainda se encontram inseridas, é em que se encontra a personagem Domingas, que foi arrancada de sua comunidade após a morte do pai e separada do irmão, assim como outras indígenas que serviram famílias abastadas na época. Sendo vistas como inferiores, a elas era oferecido o “favor” de servir essas famílias para que pudessem ser “socializadas”. Porém, o que havia por trás dessa prática nada mais era do que um pretexto para se garantir mão de obra doméstica barata (Ferreira & Leal, 2022).

Vale dizer que Hatoum constrói a personagem Domingas, essencialmente, a partir de suas vivências enquanto filho de libaneses, de classe média. Neste contexto, presenciou a adoção de mulheres indígenas como empregadas domésticas, pois, durante sua infância, isso era comum. Senão, vejamos:

³ Quando nos reportamos a categoria “caboclo” estamos pensando nas pessoas herdeiras da miscigenação entre indígenas e brancos. Pessoa de pele escura e cabelo liso. Miscigenação, por sinal, ocorrida, desde o processo da colonização.



Em várias casas de Manaus presenciei muitas cenas de humilhação e ressignificação, cenas que lembram muito a vida da pobre Félicité.⁴ O nome e o rosto de cada uma ainda estão vivos na minha memória, de modo que toda uma vida sofrida dedicada à patroa e a família podia ajustar-se na história dos *Dois irmãos*. Como contraponto ao trabalho árduo do dia-a-dia, Domingas, em sua reclusão noturna, trabalha com as mãos, esculpindo bichos de madeira. É um trabalho herdado de sua família, um vestígio de sua herança cultural, que ela cultivava até o momento de sua morte, quando um dos pássaros esculpidos se ilumina com luz solar. Também nessa cena há uma referência oculta ao papagaio Loulou, cultuado com ares e halo de Espírito Santo por Félicité: uma espécie de pomba do divino que surge iluminada, gigantesca e prestes a voar na hora delirante da morte desse tocante personagem flaubertiano.

[...]

Plágios conscientes, diria Sérgio Buarque de Holanda num ensaio erudito d’ O Espírito e a Letra. E também uma homenagem modesta à tradição literária (nossa e dos outros) (Hatoum, 2005. p. 86-87).

A citação supracitada também revela uma das matrizes intelectuais de Hatoum, isto é, Gustave Flaubert, pois Domingas é uma espécie de plágio consciente, inspirada na personagem Félicité, personagem subsumida, porém, profícua para a compreensão do romance *Madame Bovary* (Ferreira, 2022).

Ao lado disso, podemos elucidar as experiências de Hatoum como viajante dos rios da Amazônia, realizadas na juventude. Desta podemos destacar a expedição, a qual fez com um grupo de amigos da USP, quando navegaram de Belém do Pará até o Alto rio Negro, o que lhes rendeu a elaboração de seu primeiro livro, uma reunião de poemas e fotografias: *Amazonas: Palavras e imagens de um rio entre ruínas*, publicado originalmente em 1979. Esta experiência oportunizou a observação também de mulheres indígenas residentes na região do Alto rio Negro, as mesmas que, desta região, migravam para Manaus, à revelia de suas vontades, para trabalharem em casas de famílias abastadas (Ferreira, 2022).

Voltando ao enredo da obra literária em questão, em uma passagem de *Dois irmãos* nos é mostrado, através do relato da própria Domingas a Nael, como eram realizados os trâmites entre as famílias e os conventos que se encarregavam da “educação” das crianças indígenas.

Uma jovem bonita de cabelo cacheado, veio recebê-las. ‘Trouxe uma cunhantã para vocês’, disse a irmã. ‘Sabe fazer de tudo, lê e escreve direitinho, mas se ela der

⁴ Aqui um trecho: “Emma tomou a seu serviço uma mocinha de 14 anos, órfã e de fisionomia serena. Proibiu-a de usar toucas de algodão, ensinou-a a tratá-la de Madame, a trazer um copo d’água num pires, a bater nas portas antes de entrar, a passar, a engomar, e ajudá-la a vestir-se, com a intenção de fazer dela sua camareira. A nova empregada obedecia sem discutir para não ser despedida; e como Madame, habitualmente, não fechava o guarda-comida, Félicité, todas as noites, apanhava um pouco de açúcar, que comia, sozinha, na cama, depois de rezar” (Flaubert, 2017, p. 74-75). Outra menção à Flaubert pode-se perceber no enredo do romance de Hatoum, *A noite da espera*, publicado originalmente em 2017, essencialmente no seu capítulo 12.



trabalho, volta para o convento e nunca mais sai de lá’. Entraram na sala, onde havia mesinhas e cadeiras de madeira empilhadas num canto. ‘Tudo isso pertencia ao restaurante do meu pai’, disse a mulher, ‘mas agora a senhora pode levar para o orfanato’. Irmã Damasceno agradeceu. Parecia esperar mais alguma coisa. Olhou para Domingas e disse: ‘Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira minha filha’. Zana tirou um envelope do altar e entregou a religiosa. As duas foram até a porta... (Hatoum, 2000, p. 77).

Nessa passagem podemos observar que a doação dos móveis e a entrega do envelope por Zana representam uma transação na qual ela está comprando a presença ou os serviços de Domingas.

Essa inversão de papéis destaca uma dinâmica social complexa e revela as complexidades nas relações entre famílias locais e instituições religiosas. O ato de "comprar" Domingas do convento, mediante a oferta de bens materiais e financeiros, sublinha as nuances sociais e econômicas presentes nesse contexto histórico.

A doação dos móveis do restaurante do pai de Zana e a entrega do envelope não apenas sublinham a natureza transacional dessa troca, mas também apontam para as complexidades econômicas e sociais envolvidas. O aviso de Irmã Damasceno a Domingas sobre a generosidade de sua patroa assume um tom distinto, sugerindo uma relação da tradicional dinâmica senhora-serva.

A partir desse dia, a vida de Domingas não mudou muita coisa: “Na casa de Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela” (Hatoum, 2000, p. 77).

Podemos ver que mesmo após tudo que passou no convento sendo “educada” nossa personagem não deixou de servir, fosse ao convento ou aos patrões “Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer, quase tão mirrada como no dia em que chegou à casa, e, quem sabe, ao mundo” (Hatoum, 2000, p. 65).

Poderíamos até dizer que, na casa de Zana, Domingas deu continuidade à servidão que havia sido submetida desde os tempos do convento. Mas, devemos considerar, a luz das reflexões de determinados pesquisadores que se apropriam da metodologia da História Cultural, por exemplo, Michel de Certeau (1994), Carlo Ginzburg (2007), Sidney Chalhoub (2003), Domingas, quando encontra brechas nessa bolha, reinventa o processo de aculturação e consegue reinventar seu cotidiano. Com Milton Hatoum, a propósito, a composição da personagem Domingas, guardadas as proporções, aproxima-se de algumas peculiaridades da personagem Helena, elaborada pela escrita de Machado de Assis, no sentido de que, tanto



Machado quanto Hatoum, compõem suas personagens pensando em um “tipo ideal de leitor”: aquele que observa, mesmo que seja em atitudes subsumidas de suas personagens, atos revolucionários à ordem dos valores vigentes.

E, na esteira de Chalhoub, ao se debruçar sobre a escrita criativa de Machado de Assis, podemos arriscar dizer que, Domingas pode ser analisada como a alegoria política da resistência indígena. Isto está representado nas imagens elaboradas pelo escritor amazonense quando das ínfimas saídas de Domingas para passear com seu filho, ínfimos momentos de liberdade, quando da produção de sua arte artesanal, a qual a referida personagem indígena deixa aflorar reminiscências que inspiram sua memória indígena. Ora, expressões artísticas também são formas de luta contra toda e qualquer forma de subserviência.

Nessa medida, com Walter Benjamim (1987) pensamos que ao usarmos a Literatura como fonte de História é necessário, essencialmente, uma leitura “a contra pelo” para buscar as representações das “mônadas”. É, portanto, nos labirintos, onde residem os bosques da ficção, que encontramos ínfimas atitudes revolucionárias de Domingas.

Domingas emerge como uma personagem paradigmática, personificando a existência de servidão e subjugação enfrentada por numerosos indígenas no contexto brasileiro. Extraíndo-se de sua comunidade étnica, é conduzida a um convento, no qual é instruída pelas freiras no propósito de servir à comunidade branca. Crescendo alheia às suas raízes, cultura e língua, ela submete-se aos desígnios e depreciações impostos por seus senhores, entre os quais os gêmeos Yaqub e Omar.

Em uma passagem, podemos observar o narrador se perguntar quem seria seu pai. Aliás, é através do desejo de saber qual dos gêmeos tinha parentesco com ele que se inicia o desenrolar da trama, a necessidade de Nael para escrever o romance. Apesar disso, na trama não fica muito claro qual dos dois era, na verdade, o pai de Nael. Domingas sofreu abuso por parte do caçula, mas também tinha uma relação especial com Yaqub. O autor acaba nos deixando em aberto essa parte da narrativa que é o fio da meada do enredo.

No livro, observa-se que o modo como Domingas é tratada reflete resquícios de práticas que remontam à colonização na Amazônia. Como mulher indígena, ela enfrenta imposições decorrentes da distância de sua família, sendo assim considerada alguém a ser tutelada pela Igreja e pela sociedade. Aníbal Quijano (2005), renomado pesquisador latino-americano, sustenta que a suposta incapacidade teórica dos indígenas, especialmente



das mulheres, de conduzir suas próprias vidas foi utilizada para justificar a imposição de trabalho não remunerado.

Esse ponto de vista é alimentado através da fala da própria Zana a Nael, na qual esta tenta justificar o porquê acolheu - Domingas:

Halim me dizia: Domingas, essa cunhantã... Por Deus, alguma coisa aconteceu com ela...’. Como a tua mãe deu trabalho no orfanato! Era rebelde, queria voltar para aquela aldeia, no rio dela... Ia crescer sozinha, lá no fim do mundo? Então a irmã Damasceno me ofereceu a pequena, eu aceitei (Hatoum, 2000, p. 250).

A inferioridade racial dos colonizados implicava que “[...] não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos” (Quijano, 2005, p. 120). Esta interpretação das relações de trabalho torna-se evidente na situação imposta à personagem Domingas, retirada de seu espaço e levada a acreditar que seus patrões foram generosos ao acolhê-la, alimentá-la e vesti-la, tornando, assim, sua obrigação servi-los ao longo da vida como agradecimento por essa concessão.

Esse tipo de pensamento não é algo exclusivo do romance, a crença de que os indígenas deveriam ser “civilizados” é algo presente na sociedade brasileira desde a sua formação. Ora, a história mostra que o conhecimento e os ensinamentos das sociedades indígenas, como a dança, o canto, a evocação dos espíritos, as histórias e a medicina das ervas eram passados de geração em geração e, mesmo com o decorrer do tempo esse conhecimento e esses ensinamentos não se perdiam, perpetuando-se, assim, vivos em cada indígena de cada nação (Kauss & Peruzzo, 2012).

Porém, com a chegada dos jesuítas as terras tupiniquins, houve uma ação intensa de catequização dos indígenas (principalmente das crianças), com a intenção de levá-los a aprender a obediência a um Deus todo poderoso, católico, e, com isso, incitando-os a abandonar sua tradição étnica e linguística. O cristianismo apresentado pelos padres validava a afirmação eurocêntrica de que os indígenas eram grotescos e precisavam ser educados, civilizados, além de terem suas almas salvas pelo cristianismo.

Um fato curioso, porém, é que Domingas não se sentia resgatada pelas irmãzinhas de Jesus, tampouco sentia-se feliz com o destino reservado a ela na casa de Zana e Halim:

Detestava orfanato e nunca visitou as irmãzinhas de Jesus. Chamavam-na de ingrata, mal-agradecida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato. A visão do edifício a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar à palmatória. Estava educando as índias, dizia (Hatoum, 2000, p. 77).



Em suma, a trajetória de Domingas, marcada por sua retirada da comunidade indígena e sua inserção em um contexto de servidão, reflete as profundas nuances do preconceito étnico na sociedade amazônica. A exploração da mão de obra indígena e cabocla, além da imposição de uma suposta incapacidade teórica, revelam práticas enraizadas desde a colonização.

A transação simbólica entre Zana e o convento, representada pela doação de móveis e a entrega de um envelope, destaca as complexidades sociais e econômicas envolvidas nesse tipo de relação. A liberdade relativa que Domingas encontra na casa de Zana não apaga a persistência de sua condição de servidão, evidenciada pela continuidade de seu trabalho.

O enraizamento de visões neocolonizadoras sobre a suposta inferioridade dos indígenas justifica a exploração sem remuneração, perpetuando a ideia de que o favor de ser acolhido é suficiente pagamento. Esse pensamento é reforçado pela narrativa que destaca a rebeldia de Domingas no orfanato e a tentativa de justificação de Zana.

Além disso, o contexto histórico revelado na obra demonstra a imposição do cristianismo como instrumento de "civilização", desconsiderando os ricos conhecimentos e tradições indígenas. A resistência de Domingas em aceitar o resgate das irmãzinhas de Jesus e sua aversão ao orfanato evidenciam a complexidade das relações entre colonizadores, instituições religiosas e os povos nativos.

Domingas, como personagem paradigmática, personifica não apenas a história individual de uma mulher indígena, mas também as estruturas sociais e culturais que perpetuam a servidão e a subjugação. O enigma sobre a paternidade de Nael e a ausência de esclarecimentos nesse ponto da narrativa deixam em aberto a discussão sobre as relações de poder e as ramificações neocoloniais presentes na trama.

A personagem, pode assim, ser interpretada como a representação de uma permanência histórica que tem suas origens na colonização, contudo, se espalha até a contemporaneidade, essencialmente, nas cidades amazônicas.

As ponderações articuladas nas linhas acima nos remetem a determinadas menções relativas à nuances da história de mulheres indígenas na Amazônia. Nessa perspectiva, um estudo de Irma Rizzini (2006) é fecundo, iremos nos apropriar de fragmentos dele. Analisando a educação popular na Amazônia Imperial, principalmente relativa às crianças



indígenas nos internatos para a formação de artífices, a referida pesquisadora traz à baila informações cruciais sobre o histórico tratamento destinado a meninas indígenas.

Segundo Rizzini, seguindo o modelo paraense, poucos anos após o nascimento da Província do Amazonas foi criado a Casa de Educandos Artífices. Tanto no Amazonas como no Pará, essas Casas mantinham uma determinada peculiaridade. Assim, notou-se que, desde 1871, por exemplo:

O mecanismo legal de tutela, vinculado pelos juizes de órfãos, permitiu a ocorrência de inúmeros abusos contra meninos e meninas. Denúncias de exploração de trabalho, dos maus tratos e da negligência quanto à instrução das crianças estão publicados nos jornais de Belém de meados da década de 1880. A prática dirigia-se, em geral, às crianças pobres e órfãs de pai, provenientes tanto da capital quanto das localidades (Rizzini, 2006, p. 164).

Nas fontes impressas também se revelam abusos de determinados homens públicos para com meninas indígenas. É o caso do ex-deputado federal e médico Aprigio Martins. Conforme Rizzini (2006), consta na edição de 04 de março de 1886, no *Jornal do Amazonas*, a seguinte denúncia:

Tem em casa uma pequena orphã de 7 para 8 anos, que manda para as tabernas fazendo compras e carrega bandejas de doces, etc, para a taberna e da taberna para casa. Tem mandado vender doces e frutas nas ruas pelas órfãs que tem tido em sua casa de onde algumas tem fugido e outras tem morrido.

Diante destas constatações podemos afirmar que Domingas pode ser compreendida como uma alegoria de mulheres indígenas exploradas ao longo da história da Amazônia. Fazendo inserções em suas experiências e vivências, no que tange ao acesso de determinadas matrizes literárias, imagéticas, mas também matrizes sociais e culturais, o literato Milton Hatoum acabou por criar uma personagem fecunda, campo de possibilidade para se pensar e fazer parte da história de mulheres indígenas.

Domingas e os paralelos entre as jovens indígenas de Manaus

Na segunda metade de 1960, a cidade de Manaus viveu um período de migração em massa, várias pessoas vinham do interior à procura de uma qualidade de vida melhor que vinha acoplada ao crescimento acelerado da cidade. Essas pessoas, muitas das vezes, vinham fugidas da pobreza de suas cidades natais (Artiago, 2020).

Nesse cenário, era (e ainda é) bastante comum que muitas famílias do interior doassem suas filhas para famílias que moravam na capital. Essa prática comum baseia-se na



ideia de que, saindo do interior e indo para a cidade, essas meninas poderiam ter acesso à saúde e, principalmente, à educação. Educação que os pais não tiveram em suas terras de origem, por isso a promessa de dar um futuro melhor a essas meninas é acolhida de bom grado por seus pais. Em contrapartida ao favor de ceder moradia, comida e educação a essas meninas teriam que “desempenhar” pequenos favores domésticos, algo que já faziam em suas casas de origem.

Meninas no trabalho doméstico não é um assunto novo, porém gostaríamos de conflitar essa prática no estado do Amazonas, mais especificamente na cidade de Manaus. O que podemos observar é que, apesar de os estudos sobre a história da infância estarem consolidados no Brasil, eles têm uma ênfase nas regiões Sul e Sudeste, havendo uma produção historiográfica incipiente na Região Norte.

Esse aspecto histórico parece entrelaçar-se com a narrativa presente em *Dois Irmãos* no que tange à personagem Domingas, que é retirada de sua comunidade de origem para ser educada pelas freiras e mais tarde “acolhida” por Zana. Inclusive, no artigo *Laços de Parentescos: Ficção e Antropologia*, de Milton Hatoum, publicado na revista *Raízes da Amazônia*, em 2005, o autor explora a criação da personagem Domingas, revelando que sua formação foi fortemente influenciada por suas observações nas comunidades indígenas do alto Rio Negro, especialmente em São Gabriel da Cachoeira. Hatoum também destaca o impacto de suas experiências juvenis ao testemunhar mulheres indígenas trabalhando como empregadas domésticas nas residências de famílias abastadas na cidade de Manaus.

Concebido para ser um personagem de relevo na narrativa, tentei dar espessura ao que ela faz, e ao que sente e pensa em relação aos outros. E, é claro, o que os outros pensam dela, porque o olhar alheio é uma das possibilidades de pensarmos em nós mesmos. Mais que a sua identidade (indígena ou cabocla), tentei explorar a sua subjetividade, seus temores e angústias, sua vida encalacrada num ambiente sufocante, sua paixão mais ou menos velada por um dos irmãos, o respeito por Halim, seu patrão e também o pai dos gêmeos (Hatoum 2005, p. 85).

A prática, como vimos acima, não era exclusiva de meninas indígenas, as meninas de famílias menos abastadas vindas dos interiores também eram alvo dessas transações. Segundo Artiago (2020), essas meninas iam com as próprias famílias, ou com outro intermediário (este poderia ser um padrinho ou alguém próximo a família), no caso de Domingas foram as freiras. Em alguns casos, esses padrinhos não teriam nenhum benefício em entregar a menina a outra família, seu objetivo principal sempre, ou quase sempre, é descrito como alguém que



tinha o objetivo de ajudar sua afilhada, ou alguém que estivesse precisando de “uma boa menina” para ajudar a família.

A questão na Amazônia, sobre a circulação de crianças em casas de terceiros, apresenta peculiaridades. Não causa estranheza doar a filha a algum parente próximo, amigo da família, seja por laços de fraternidade ou porque a menina está ficando crescida e precisa “dar rumo na vida”.

As ‘crias’ da família que vieram do interior para a capital, muitas vezes são ‘chamadas’ de sobrinhas, ‘filhas de criação’, afilhadas, essas tentativas na verdade escondem um interesse, qual seja, a exploração da força de trabalho dessas crianças. Trabalho esse chamado de ajuda, ou seja, não é trabalho devido a criança não ser empregada e sim parte da família (Artiago, 2020, p. 36).

A vivência migratória em Manaus, na segunda metade de 1960, delineia uma tapeçaria social intrincada, no qual o êxodo do interior em busca de uma vida melhor convergia com a prática complexa de doação de filhas para famílias urbanas. Este fenômeno, embora não exclusivo das meninas indígenas, expõe disparidades regionais nos estudos sobre infância, tradicionalmente concentrados no Sul e Sudeste do Brasil, relegando as particularidades amazônicas a uma relativa obscuridade historiográfica.

A mescla entre a história factual e a construção ficcional em *Dois Irmãos*, sobretudo a saga de Domingas, sublinha a influência de observações etnográficas de Milton Hatoum nas comunidades indígenas, enriquecendo a compreensão da prática no contexto amazônico. A figura do padrinho ou intermediário, exemplificado pelas freiras no caso de Domingas, adiciona nuances à dinâmica, na qual, por trás de intenções benevolentes, persiste a exploração da força de trabalho infantil.

A peculiaridade da circulação de crianças em lares alheios na Amazônia, seja por laços familiares, ou a necessidade de direcionar a vida das crianças, destaca a complexidade das relações sociais. A nomenclatura afetuosa, como “filhas de criação” ou sobrinhas, camufla a realidade da exploração disfarçada como ajuda, desafiando as fronteiras entre trabalho formal e integração na família. Esta reflexão não apenas ilumina as nuances históricas, mas também destaca a urgência de uma expansão significativa nos estudos sobre a infância, incorporando as realidades específicas da Região Norte do Brasil.

Assim, ao explorar as raízes profundas dessa prática, emerge não apenas uma crítica à exploração de crianças, mas também um apelo para uma compreensão mais holística e inclusiva da história da infância na Amazônia. Essa abordagem mais abrangente é essencial



para desvelar as camadas complexas dessa narrativa, ouvindo vozes de experiências muitas vezes silenciadas e contextualizando a trajetória de crianças que foram, por muito tempo, relegadas à margem dos registros históricos.

Considerações Finais

Em síntese, a figura complexa de Domingas em *Dois Irmãos* transcende os limites literários, tornando-se uma representação vívida das intrincadas teias sociais, culturais e históricas que permearam a Amazônia ao longo do século XX. Seu papel na trama não se limita a uma personagem secundária; ela emerge como um fio condutor essencial para entender a complexidade da sociedade manauara e, por extensão, as experiências coletivas dos povos originários do Brasil.

A profundidade psicológica atribuída por Milton Hatoum a Domingas não apenas contribui para a trama, mas também oferece uma janela perspicaz para as tensões políticas, econômicas e familiares que marcaram a transformação de Manaus de 1910 a 1970. A posição singular de Domingas como empregada, observadora dos conflitos familiares entre os gêmeos Omar e Yaqub, enriquece a compreensão da dinâmica social da referida conjuntura histórica.

Ao traçar a jornada de Domingas desde sua retirada da comunidade indígena até sua vida marcada pela servidão, Hatoum proporciona uma narrativa que transcende o individual, abrangendo as experiências compartilhadas pelos povos indígenas do Brasil. Sua resistência diante da dominação e exploração ressoa como um testemunho das dimensões do genocídio, etnocídio e aculturação enfrentados por essas comunidades ao longo da história.

A análise mais ampla das experiências de Domingas revela também uma crítica à visão neocolonizadora que permeia a exploração da mão de obra indígena. A transação simbólica entre Zana e o convento, destacada pela doação de móveis e entrega de um envelope, lança luz sobre as nuances sociais e econômicas dessas relações, evidenciando a exploração disfarçada sob uma pretensa benevolência.

Além disso, a narrativa de Domingas mergulha nas complexidades da história da infância na Amazônia, expondo a prática de doação de crianças para famílias urbanas e as intrincadas dinâmicas sociais envolvidas. A nomenclatura afetiva, como "filhas de criação"



ou sobrinhas, desvenda a exploração oculta sob a aparência de ajuda, apontando para as disparidades regionais frequentemente negligenciadas nos estudos brasileiros.

Em última instância, a relevância de compreender a fundo a personagem Domingas transcende o âmbito literário, incitando uma reflexão crítica sobre as questões sociais, culturais e históricas da Amazônia. Hatoum não apenas nos presenteia com uma obra rica em nuances literárias, mas também nos convoca a desafiar as estruturas que perpetuam a exploração e marginalização dos povos originários. Domingas não é apenas uma personagem; ela é uma voz ressonante que convoca à reflexão e à busca por uma compreensão mais profunda e inclusiva da história e sociedade brasileiras.

Referências

Araújo, Wagner dos Reis Marques & Torres, Iraildes Caldas. Trajetória de vida e de trabalho de mulheres indígenas em Manaus. *In: Fazendo Gênero 8 - Corpo Violência e Poder*. Florianópolis: **Anais do FG8**, 2008.

Artiago, Janaína. Trajetórias de Meninas Domésticas em Manaus. *In: Silva, Patrícia Rodrigues da (Org.). Entre vozes femininas: História Oral e memória no Amazonas contemporâneo*. Curitiba: CRV, 2020. p. 29-44.

Benjamin, Walter. Sobre o conceito de História. *In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Chalhoub, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Ferreira, Arcângelo da Silva & Leal, Thais Stephani de Oliveira. Domingas, “Meio escrava meio ama, louca para ser livre”: uma representação da permanência histórica da figura feminina na Amazônia através do romance *Dois Irmãos de Milton Hatoum*. **Revista Decifrar**, v. 9, n. 18, p. 38-49, 2022.

Ferreira, Arcângelo da Silva. **Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: Diálogos entre História & Literatura em Órfãos do eldorado**, de Milton Hatoum. Curitiba : CRV, 2022.

Flaubert, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Sérgio Duarte. [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Ginzburg, Carlo. **Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



Hatoum, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Hatoum, Milton. **Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia, Raízes da Amazônia**, Manaus: [INPA](#) v. 1, n. 1, p. 81-87, 2005.

Kauss, Vera Lúcia & Peruzzo, Adreana. A inserção da mulher indígena brasileira na sociedade contemporânea através da literatura. **Espaço Ameríndio**, v. 6, n. 2, p. 32-45, 2012.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Lander, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Rizzini, Irma. “Educação popular na Amazônia Imperial: crianças índias nos internatos para formação de artífices”. *In*.: Sampaio, Patrícia Melo & Erthal, Regina de Carvalho (Orgs.). **Rastros da memória: história e trajetória das populações indígenas na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2006.

Santos, Jean Luiz Davino do. **Ausências e Interferências Discursivas: Um estudo sobre os narradores – personagens dos romances *Dois Irmãos* e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum**. Dissertação (Mestrado em Letras), Maceió: Universidade Federal de Alagoas, UFAL, 2010.

Waldick Junior. Amazonenses presos e investigados pela ditadura relembram período. Manaus, [A Crítica](#), 31 mar. 2024.

Submetido em: 01 de março de 2024

Avaliado em: 28 de março de 2024

Aceito em: 20 de abril de 2024